



COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PERIPÉCIAS MAQUIAVÉLICAS COM A LITERATURA E O SENSO COMUM

Michel Correia¹
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
(michel.mcorreia@gmail.com)

Antoine Compagnon ensinou na Sorbonne e na Blanche W. Knopf de Literatura Francesa e Comparada na Universidade de Columbia, Nova York. É, desde 2006, Professor Catedrático de Literatura Francesa Moderna e Contemporânea: história, crítica e teoria no *Collège de France*. É nomeadamente o autor de *La Troisième République des Lettres* (1983), *Les cinq Paradoxes de la Modernité* (1990) e *Les Antimodernes*, de Joseph de Maistre à Roland Barthes (2005). Depois de ter lecionado na Universidade de Vincennes e na Escola Prática de Ciências Sociais, e de ter fundado, conjuntamente com o ex-Presidente da República François Mitterrand, o Festival de Ópera e Teatro Barroco de Versalhes, ascendeu, em 1990, ao cargo de secretário-geral do serviço literário da Gallimard.

O demônio da teoria: literatura e senso comum traz na capa uma ilustração abstrata, aparentemente sem conexão com a temática da obra, salvo pela presença de manchas em vermelho com realces que remetem a asas que, aos que possuem um olhar mais criativo, podem ser associadas a figuras demoníacas. O título da obra é intrigante, visto que denota algo que é essencialmente maquiavélico e que, por natureza, leva as pessoas à ruína, desse modo, estaria o autor denunciando que a teorização é algo capaz de tirar o sono e atormentar pensamentos, atribuindo características que julga relevantes à relação de problematizar o texto literário? Ou estaria apenas proporcionando um teor abstrato ao título para chamar atenção para o conteúdo de sua obra?

O conteúdo do livro divide-se em nove capítulos, tendo a introdução e conclusão como partes não enumeradas, discorrendo sobre as funções desempenhadas pela Teoria literária, além das relações entre a própria Literatura e noções que influenciam diretamente as diferentes formas de compreendê-la e apreciá-la. A estrutura da obra também conta com notas, bibliografia e índice onomástico, além de um texto conciso na contracapa que é bastante explicativo e que pode, porventura, atrair novos aventureiros a se emaranhar nas suas páginas.

Na introdução, intitulada *O que restou de nossos amores?* Compagnon fornece um bom embasamento do tema abordado na obra, ao passo que apresenta

¹ Graduando em Letras Inglês pela Universidade Federal do Piauí (UESPI).



atributos relevantes para a ocorrência da literatura. Ademais, são feitas indagações importantes sobre a atual conjuntura da teoria da literatura, frisando a pluralidade que pode ser encontrada entre ela e o senso comum. O autor, utilizando uma analogia entre a teoria e a religião, é oportuno ao transparecer que a limitação de perspectivas faz com que a essência do que é teorizar se perca, visto que a reflexão pela desconfiança não segue receitas. Com tal concepção, o leitor é conduzido, mesmo que por meios extenuantes, a não aceitar métodos analíticos sem problematizá-los.

No capítulo seguinte, *A Literatura*, a obra traz diversas acepções acerca do que é visto como literatura, além de características do estudo literário, para aprofundar-se em diferentes enfoques sobre a compreensão do campo científico, antes de se mergulhar na utilização dos elementos linguísticos na composição da literariedade. Apesar do capítulo demonstrar uma construção interessante da linha de conteúdos tratada, exagera em um viés filosófico que pode levar o leitor a se equivocar diante dos conceitos apresentados.

O segundo capítulo, intitulado *O Autor*, versa sobre o relacionamento entre a intenção do autor e o entendimento do texto literário, explanando sobre instrumentos da hermenêutica e contrapondo intencionalidade com sentido, coerência, consciência e premeditação, para enfim expor a visão de Compagnon acerca da presunção do que pode ou não ser intencional em uma obra literária. Embora contenha uma temática essencial para quem busca aprimorar suas técnicas interpretativas, ocorre uma avalanche conceitual que pode causar desorientação aos que não estão familiarizados com o cerne da discussão, visto que a diferença de muitos dos conceitos abordados não é ilustrada de uma maneira suficientemente clara.

Em *O Mundo*, terceiro capítulo do livro, o autor utiliza a concepção mimética como ponto de partida para conduzir o leitor a duas teses que argumentam sobre as formas como a realidade pode ser representada literariamente, avançando após isso para acepções que visam reconsiderar, com mais flexibilidade, a associação entre mundo e literatura. A abrangência referencial empregada na construção desse trecho do livro enriquece a elucidação, entretanto, proporciona, em seus tópicos finais, certa obscuridade ao versar sobre a lógica binária que toma de conta da análise literária.

Como denuncia em seu título, *O Leitor*, o quarto capítulo foca na variedade de enfoques que o leitor pode ter diante do texto literário, navegando em pontos chave da dualidade presente na experiência da leitura. A maneira como o autor desenvolve o assunto é bastante favorável, pois demonstra que a forma como lemos e apreciamos uma obra está ligada a elementos diversos, intrínsecos e extrínsecos ao texto, que estão relacionados diretamente com nossas faculdades interpretativas, isso proporciona questionamentos sobre quais fatores influenciam a nossa recepção atualmente.



O quinto capítulo do livro cujo título é *O Estilo* trata da relação do texto com a própria língua, trazendo um conjunto de definições de estilo em diferentes épocas e para diferentes campos da literatura. Compagnon retrata ideias de que o estilo reside na alternância formativa de um conteúdo detentor de certa estabilidade, ao mesmo tempo que é um apanhado de características que permitem a identificação intuitiva do autor. A maneira como o capítulo mostra a contraposição dos atributos do estilo propicia a criação de um horizonte de expectativas em que o leitor tem propriedade para libertar-se de aspectos normativos, enxergando o emprego estilístico não somente como um construto legítimo da literatura, oriundo do senso comum, mas como uma maneira de propagar entendimentos distintos à luz de novas discussões.

No sexto capítulo, *A História*, Compagnon discorre sobre os diversos enfoques que a literatura possui ao se analisar seu desenvolvimento histórico, confrontando importantes conceitos que foram aparecendo no decorrer dos tempos. Ao validar indagações a respeito do futuro da história literária, por meio da relativização e desilusão da trajetória teórica, o capítulo exterioriza a real necessidade de se preocupar com o contexto em que a literatura se desenvolve, permitindo que o leitor reflita a respeito da história como fator preponderante na produção literária. Assim, permite questionamentos como: visto que a literatura resulta dos aspectos sociais inerentes à sua formação, como poderemos desconsiderar a análise dos fatos que levaram tal sociedade ao quadro considerado?

O sétimo capítulo, intitulado *O Valor*, versa a respeito do que podemos compreender do termo valor em relação a conceitos como avaliação, classificação e hierarquização. Ao apontar pressupostos normativos na análise de poemas, das tradições, propriedades estilísticas, da concepção do que seria um clássico e do cânone literário, o autor cria uma ponte que leva o leitor a pôr em balança aspectos objetivistas e relativistas ao se estimar a importância de uma obra, por mais que essa ponte apresente elementos, como utilização de exemplos intrincados, que façam com que essa passagem aconteça de forma custosa.

Finalizando o livro, em *A Aventura teórica*, Compagnon expressa suas intenções ao produzir *O demônio da literatura*, exprimindo que não tinha pretensão de impactar o leitor com uma composição lexical complexa, afirmação que pode ser considerada controversa diante do conteúdo apresentado. Por outro lado, o autor defende uma abordagem mais analítica, a partir de concepções simples e usuais, mas confusas, do que é a literatura, o que é condizente com o modo com que a obra é conduzida. Caminhando para o fim do capítulo, o autor apresenta suas percepções a respeito da relação entre teoria e ficção, teoria e “bathmologia”, além de teoria e perplexidade, salientando o intuito de ilustrar aos olhos do leitor que a teoria, apesar de querer se distanciar, consiste no desarranjo do senso comum, o que acarreta uma sensação de contradição, pois esse juízo de consenso geralmente se opõe aos mecanismos de estranhamento que permeiam os elementos literários.



Em síntese, por mais que demonstre ser de complexa assimilação devido a utilização de linguagem rebuscada e exemplos que podem ser referências distantes àqueles que estão iniciando seus estudos na literatura, a obra serve como instrumento importante para se levantar questionamentos relacionados à visão que cada pessoa tem da literatura. Isso acontece principalmente pelo fato de elucidar pontos relevantes para a formação teórica, deixando brecha para reflexões que podem levar a novas problematizações e, conseqüentemente, novas teorias. Assim, configura-se como uma leitura promissora para quem tem interesse pela temática, principalmente acadêmicos e pesquisadores das áreas que abrangem a literatura, a crítica e a teoria literária.

Referências

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 04/05/2023
Aprovado em: 07/11/2023